

Povos Indígenas no Brasil

Fonte JORNAL DE BRASÍLIA

Class.: 902

Data 03/09/85

Pg.: _____

Queda de Gérson era prevista desde maio

Memélia Moreira

Quem já leu «A Crônica da Morte Anunciada», de Gabriel Garcia Marquez, não se surpreendeu com a queda do presidente da Funai, Gérson da Silva Alves. Foi uma queda anunciada em 13 de maio, data da sua posse. Gérson, como é do conhecimento de todos, não era o candidato in pectore do ministro Costa Couto, do Interior. Couto preferia Apoena, mas o «xavantismo» que reina na Funai não permitiu. Apoena ficou como superintendente mas, de fato, era o homem forte da Funai junto ao Ministério, enquanto se promovia a auditoria encerrada na última semana.

Ontem, depois dos contatos mantidos, Costa Couto chamou Gérson e, secamente, disse-lhe: «Nós pensamos em reestruturar a Funai, você tem ligações com a Velha República e deve se afastar. Serão afastados todos os que tiverem ligação com a Velha República». Vai ser difícil cumprir a promessa porque o novo presidente, Alvaro Villas-Boas, vem da velhíssima República, já tendo ocupado o cargo de diretor do Departamento de Assistência ao Índio, em 1967.

O que vai acontecer, na verdade, é o afastamento de pessoas que não comungam com a política indigenista da família Villas-Boas, entre elas os indigenistas Cláudio Romero e Odenir Pinto de Oliveira, além do delegado da Funai em Londrina, Cornélio Oliveira. Londrina é uma espinha na garganta de Alvaro. Foi uma delegacia

criada depois do fechamento da delegacia de Bauru, em julho do ano passado, quando Alvaro Villas-Boas disparou sua metralhadora giratória contra Mário Juruna (PDT-RJ), Igreja e sertanistas que haviam sido reconvocados para o órgão.

As razões alegadas pelo ministro Costa Couto para afastar Gérson envolvem também a auditoria realizada na Funai. Lá, Couto encontrou seus motivos: política de clientelismo, com pagamento em dinheiro para os índios, principalmente xavantes, que vinham a Brasília apoiar Gérson, viagens em excesso, sem justificativa, além de outras irregularidades. A auditoria tinha esse objetivo: envolver Gérson. E ainda não foi liberada para o público tomar conhecimento de toda a corrupção da Funai. Gérson não é o único envolvido. E também não foi o único a distribuir dinheiro para os índios. Essa é uma política antiga e que continua, mesmo com alguns dos novos dirigentes do órgão. Por essa razão, os cofres da Fundação estão sempre a zero.

De qualquer forma, a Nova República no Ministério do Interior repete os erros da Velha. Em seis meses, a Funai já teve quatro presidentes. Nelson Marabuto, Ailton Carneiro de Almeida (nomeado por Costa Couto e destituído antes de tomar posse por interferência direta do presidente Sarney), Gérson e agora Alvaro. A manter esse ritmo, a rotatividade será maior do que no Governo Figueiredo, quando a Funai teve seis presidentes em seis anos.